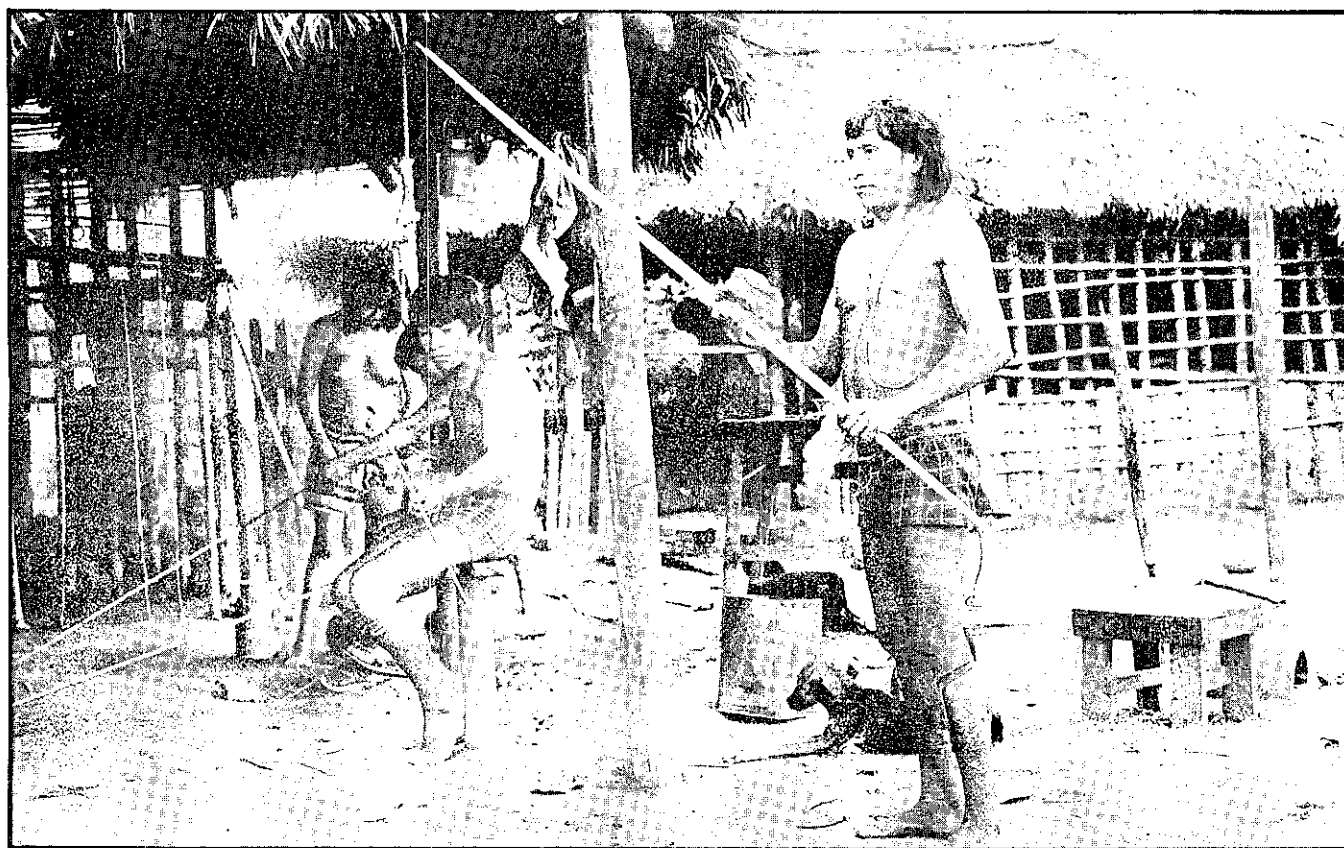


BRASIL-REPORTAGEM: Ano 1 No 2 S/ DATA TARO Editorial ISA

CEDI - P. I. B.
ATA 16/10/86
OD MYD 01

NA MISSÃO DA SELVA, QUEM ENSINA SÃO OS ÍNDIOS



(não é Munkú)

Três padres se encarnaram na cultura tribal dos índios Münkú até as últimas consequências. Convivendo com eles, Iasi, Thomaz e Egydio assumem sua "missão calada".

NA CARA, O CORAÇÃO

Quem vê a cara, vê o coração do missionário Thomaz de Aquino Lisboa. O corte de cabelo diferente; o pequeno rolete de madeira atravessando o septo nasal perfurado; o lóbulo de cada orelha, uma fleira de sementes minúsculas: o "visual" indígena desse jesuíta de 42 anos de idade apenas reflete com fidelidade a alma do missionário que despontou aos 14, quando ouviu uma palestra do padre João Dornstauder, que trabalhava com os índios em Mato Grosso.

Dos 14 aos 42, Thomaz percorreu um longo caminho, das ruas de Itapetininga, no interior de São Paulo, às selvas do Mato Grosso, na aldeia dos Münkú. Hoje, vice-

presidente do Conselho Indigenista Missionário — CIMI, o organismo da CNBB responsável pela pastoral entre os índios brasileiros — Thomaz se preocupa apenas em identificar-se cada vez mais com aqueles aos quais quis dedicar toda a sua vida. Passo após passo, a integração das duas culturas: só que, em vez de o missionário catequizar o índio, preferiu encarnar-se na cultura tribal.

DIÁRIO DA SELVA

Sentado à mesa na casa de um amigo, em Goiânia, Thomaz repassa os originais de seu livro: "Missão Calada". É uma condensação de seis anos de diário da selva, que conta a história da pri-

meiro contato de elementos da sociedade branca com os índios Münkú, em 1971.

Faltam dez dias para o Natal de 1978. Thomaz veio a Goiânia para assistir a uma Assembléia de chefes indígenas cujo tema é o projeto de "emancipação" do Governo, anunciado quase ao mesmo tempo em que está vencendo o prazo de cinco anos fixado pelo Estatuto do Índio para a demarcação de todas as terras indígenas.

Apenas um terço dos grupos indígenas brasileiros tem suas terras demarcadas. Os 25 Münkú estão entre essas tribos "privilegiadas". Graças a Thomaz e ao também jesuíta Antonio Iasi Júnior.

Iasi, 58 anos, é outro missionário fora dos padrões tradicionais. Ex-secretário do CIMI, ele foi proibido pela Funai de entrar em áreas indígenas, depois que fez uma série

de denúncias e declarações contrárias às autoridades indigenistas. Como, por exemplo, chamar de "Idi Amim nativo" o sr. Maurício Rangel Reis, titular do Ministério do Interior, ao qual está subordinada a Funai.

Foi junto com o Padre Iasi que Thomaz descobriu, em abril de 1974, que o fazendeiro Mauro Tenuta havia enganado os recém-contatados Münkú, coagindo-os a abandonar sua aldeia, sobre a qual, em seguida, seria passada uma lâmina de trator para apagar os vestígios de ocupação indígena.

Iasi denunciou em Cuiabá a profanação do cemitério tribal pelo trator do deletério Tenuta. E o fazendeiro não só teve que abandonar seus projetos invasores como foi condenado a custear a demarcação da área Münkú.

UM TRIO EXPLOSIVO

Thomaz, Iasi, Egydio. Egydio Schwade é o outro padre deste trio que em 1968 começou a questionar, "de dentro", a tradicional Missão Anchieta, que os jesuítas mantinham na Prelazia de Diamantino, para atendimento de uma dúzia de tribos do Norte de Mato Grosso. Missionário da estirpe do hoje idoso João Dornstauder, que pacificou os temíveis Canoieiros (Rikbaktsa), em 1959, e o padre antropólogo Adalberto Holanda Pereira, que por mais de dez anos viveu numa choupana próximo das aldeias dos Pareci, estudando-lhes a língua e os costumes, e que foi a "consciência científica" da renovação da Missão Anchieta.

Ao lado da dedicação missionária dos jesuítas, vicejavam erros tão explicáveis quanto injustificáveis. O maior deles foi a redução compulsória das crianças índias aos padrões dos mais exigentes colégios jesuítas. Como a cumprir uma sina da Companhia de Jesus, a Missão Anchieta edificou, na beira do rio



Pe. Iasi, proibido pela Funai.

Papagaio, um colégio: o internato do Utiariti.

Para ali foram levados, durante anos seguidos, os filhos dos Pareci, Iranxe, Rikbaktsa, Kayabi, Apiaká: os meninos com os padres, as meninas com as freiras. Thomaz, que chegou em 1961 a Utiariti, não conseguia entender porque a Missão deveria despojar aqueles meninos Rikbaktsa de seus coloridos adornos de penas e metê-los em calças ou vestidos ridículos. Nem porque as crianças eram proibidas de conversar em sua língua nativa, devendo comunicar-se em português. Por que "civilizar" aquelas crianças índias, tirando-as de seu meio de formação natural, a família e a comunidade tribal?

O questionamento de Adalberto, Iasi, Egydio e Thomaz teve resultado: os jesuítas deram o passo corajoso (que não foi até hoje imitado por missões de outras ordens religiosas) de "desativar" o internato, devolvendo as crianças para as respectivas aldeias. E os missionários também passaram a morar nas aldeias, procurando, dentro da nova preocupação, respeitar ao máximo a cultura indígena e, em muitos casos, revitalizá-la.

RESPEITO À CULTURA

"A culturação respeitosa": essa passou a ser a preocupação básica do trabalho missionário, sobretudo com as linhas de trabalho definidas pelo CIMI em 1975. A palavra de ordem passou a ser "encarnação" (na realidade indígena), e uns poucos, à frente o próprio Thomaz, levaram-na às últimas consequências. Hoje Thomaz não se acanha de dizer que se sente cada dia mais "evangelizado" e "catequizado" pelo convívio diuturno com os Münkú.

Mas ele sabia que o processo aculturativo era irreversível. Assim como o invasor Tenuta, outros fazendeiros passaram a ser vizinhos dos Münkú. Alguns chegavam a

ir à aldeia, levando presentes, introduzindo entre os Münkú novas e artificiais necessidades de consumo. Por sua vez, os índios já sabiam que a pequena comunidade de 25 pessoas não era o único grupo de "gente" na face da terra. ("Münkú" significa isso mesmo: "gente"; como também as autodenominações de outras tribos significam também simplesmente "gente"). Thomaz foi o primeiro exemplar de "münkú" de pele clara que "os" Münkú conheceram. Mas agora eles sabiam que havia muitos outros, e, ao sabor da novidade, passariam a procurar as coisas diferentes que os brancos poderiam dar-lhes.

Por isso Thomaz e seu companheiro Vicente Cañas (um irmão jesuíta que o acompanhou, em 1974, no primeiro contato com os Salumã e que hoje vive com esses índios), concordaram que se introduzissem, aos poucos, algumas "novidades úteis": fações e machados de ferro, que já no primeiro contato foram trocados pelos machados de pedra que os Münkú até então usavam; anzóis, sementes de caju, laranja, mamão, mudas de cana-de-açúcar etc.

NA MISSÃO CALADA

Não foi nem Thomaz nem Vicente nem outro branco o "agente aculturativo" imediato. Os missionários acharam que esse papel deveria caber ao próprio índio. E foi assim que Tapurá, um dos dois índios Iranxe que participaram do primeiro contato e dos subsequentes, entrou na vida dos Münkú. Os Iranxe são "primos" dos Münkú, só que bastante aculturados, pois seu contato com a sociedade nacional já é antigo. Falam a mesma língua e contavam, desde há muitos anos, a existência desse grupo de "Iranxe novos". Tapurá, cacique Iranxe, enviuvava recentemente, e já não era o mesmo. Triste, sentindo esvaí-se sua liderança, viu com entusiasmo a perspectiva de descobrir



Pe. Thomaz, cara e coração.



Pe. Egydio, dez anos com índios.

seus "parentes" arredios. E, desde o primeiro contato, sua vida realmente recomeçou: sabendo de sua viuvez, os Munkú ofereceram-lhe como esposa uma moça de 15 anos, que ainda não se casara e nem poderia casar-se tão cedo porque os poucos rapazes disponíveis eram meio aparentados com ela — e o tabu do incesto é muito forte entre eles, como, aliás, entre quase todos os índios.

Todas as "novidades" que Thomaz e Vicente julgaram oportuno levar aos Munkú foram-lhes transmitidas ou entregues por Tapurá. Após o primeiro contato, em julho de 1971, os missionários e os Iranxe só voltaram aos Munkú em visitas rápidas e bem espaçadas no tempo. O contato foi, assim, feito paulatinamente, para que os machados, facões, sementes e demais "novidades" que Tapurá ia introduzindo entre os Munkú fossem sendo realmente aproveitadas, e que os aculturadores pudessem avaliar a "utilidade/utilização" dos presentes.

Na "missão calada" de Thomaz Lisboa, quem falava era apenas Tapurá, que, numa das visitas, um ano após o primeiro contato, casou-se com sua prometida, Paataú e ficou definitivamente morando com os Munkú. Com a liderança de Tapurá já consolidada entre os Munkú, Thomaz resolveu, ele próprio, ir também viver de modo permanente com seus índios. Morando, vestindo, comendo e trabalhando

como eles, prossegue sua "missão calada". Agora ele é *Yauka* — assim foi "batizado" pelos Munkú.

Devido à vizinhança das fazendas, os Munkú já conhecem, hoje, as doenças do branco: a gripe-os maltrata demais. Foi necessário, tanto para os Munkú como para os Salumã, trazer uma enfermeira e uma dentista "prática" para a área: as duas moças, voluntárias, procuram, conforme explica Thomaz, utilizar o menos possível os "nossos" remédios. Antes, incentivavam a medicina dos próprios Munkú e já iniciaram um levantamento minucioso das plantas e práticas curativas utilizadas pela tribo.

A MORTE DOS GIGANTES

Pouca gente, no Brasil, não ouviu falar dos índios Krenakore, contatados em 1973 pelos irmãos Villas Boas. Os chamados "índios gigantes" foram capa de revistas e manchetes dos jornais durante todo o longo processo da atração. Sua aldeia localizava-se no traçado da Cuiabá-Santarém, e o "desenvolvimento do País" exigia seu deslocamento. Atraídos, contatados, deslocados, menos de um ano depois os mais de 300 decantados "gigantes" estavam reduzidos a 70 esmoleres blenorragicos e esqueléticos à beira da Cuiabá-Santarém.

O contato com os Munkús foi

uma "missão calada". Sem alarde, sem inúteis e prejudiciais propagandas. Os 25 índios não se multiplicaram porque existem ainda dois rapazes e duas moças impossibilitados de se casarem, por falta de cônjuge "desimpedido" dos laços de parentesco. As quatro mortes ocorridas (dois homens e duas mulheres) foram compensadas pelos novos nascimentos.

A TERRA DEMARCADA

Acima de tudo, os Munkú contam com a principal garantia de sobrevivência e crescimento, que é a terra, demarcada. Na defesa da terra, os "novos missionários" não se têm calado. O CIMI fez da denúncia do esbulho indígena seu Evangelho mais imediato. E não só denúncia: também tem feito relatórios sobre a situação das áreas, com propostas concretas de demarcação das reservas. Quase sempre a Funai tem fugido para a resposta cômoda de que "o CIMI só sabe criticar". Mas o testemunho e a dedicação de missionários como Thomaz Lisboa e as Irmãzinhas de Jesus (que convivem há 26 anos com os Tapirapé, também no Mato Grosso) é um desmentido a essa desculpa. E a limpidez dos relatórios de Iasi e Egydio Schwade contes- tam qualquer tergiversação oficial.